

Influências africanas no português sul-brasileiro: o campo da Religião e das Crenças nos dados do ALiB

African influences in Southern Brazilian Portuguese: the field of religion and beliefs in ALiB data

Helen Cristina da Silva 

Docente, em regime de dedicação exclusiva, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

E-mail: helensilva@unipampa.edu.br

Resumo:

Este estudo analisa o léxico religioso na fala de 72 informantes naturais de 17 localidades do Estado do Rio Grande do Sul. Ao todo, o *corpus* analisado é composto por 666 registros provenientes das oito questões do campo *Religião e Crenças* do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): 147 [*Diabo*] *Deus está no céu e no inferno está _____*; 148 [*Fantasma*] *O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?*; 149 [*Feitiço*] *O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*; 150 [*Amuleto*] *... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?*; 151 [*Benedeira*] *... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?*; 152 [*Curandeiro*] *... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*; 153 [*Medalha*] *... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*; 154 [*Presépio*] *No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?* Embora todas as questões tenham analisadas, a de número 149, dedicada ao item *feitiço*, constitui o foco principal da pesquisa por apresentar a maior produtividade de lexias de origem africana. A análise organiza-se em três eixos: i)

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Luana Lamberti
Ravena Beatriz de Sousa
Teixeira

Recebido: 09/07/2025

Aceito: 02/12/2025

Como citar:

SILVA, Helen Cristina da. Influências africanas no português sul-brasileiro: o campo da Religião e das Crenças nos dados do ALiB. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, e68068, 2025. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n2a68068>

descrição das variantes registradas, conforme os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998) e da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]); ii) exame da dicionarização dos termos, com base em Houaiss (2001); e iii) identificação de possíveis crenças e atitudes linguísticas associadas às práticas religiosas afro-brasileiras. Os resultados comprovam a coexistência de 11 variantes para nomear *feitiço*, provenientes de matrizes distintas, especialmente latina e a africana, o que reflete a complexidade histórica do contato linguístico no português brasileiro. As formas de origem africana se encontram amplamente distribuídas pelo Estado, reforçando a centralidade das religiões afro-brasileiras na configuração sociocultural gaúcha. A dicionarização dos itens atestou que todos os vocábulos estão, em maior ou menor grau, associados ao campo da religiosidade ou do ocultismo, e revelou processos de ressemantização e extensão semântica, especialmente em termos como *despacho*, *batuque* e *macumba*. Já, a análise qualitativa de trechos das entrevistas apontou para sentimentos de medo, desconfiança e desprestígio em relação às práticas religiosas afro-brasileiras, revelando a persistência de preconceitos linguísticos e sociais no imaginário coletivo.

Palavras-chaves:

Dialetologia; Léxico religioso; Influência africana; Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Abstract:

This study analyzes the religious lexicon in the speech of 72 informants native to 17 localities in the state of Rio Grande do Sul. In total, the analyzed corpus comprises 666 records drawn from eight questions in the Religion and Beliefs field of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) project: 147 [Devil] *God is in heaven and in hell is _____*; 148 [Ghost] *What do some people say they have already seen at night, in cemeteries or in houses, which is said to be from the other world?*; 149 [Spell] *What do certain people do to harm someone and place, for example, at crossroads?*; 150 [Amulet] *... the object that some people use to bring good luck or ward off evils?*; 151 [Faith healer] *... a woman who removes the evil eye with prayers, usually using a plant branch?*; 152 [Healer] *... the person who treats illnesses through herbs and plants?*; 153 [Medal] *... the small metal plate with an image of a saint that people wear, usually around the neck, attached to a chain?*; 154 [Nativity scene] *At Christmas, a group of figures representing the birth of Baby Jesus is set up. What do they call this?* Although all questions were analyzed, question 149, devoted to the item spell, constitutes the main focus of the research because it presents the highest productivity of lexemes of African origin. The analysis is organized along three axes: i) description of the recorded variants, according to the assumptions of Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998) and Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]); ii) examination of the lexicographic registration of the terms, based

on Houaiss (2001); and iii) identification of possible beliefs and linguistic attitudes associated with Afro-Brazilian religious practices. The results confirm the coexistence of 11 variants used to name spell, deriving from different sources, especially Latin and African, which reflects the historical complexity of linguistic contact in Brazilian Portuguese. Forms of African origin are widely distributed throughout the state, reinforcing the centrality of Afro-Brazilian religions in the sociocultural configuration of Rio Grande do Sul. The lexicographic analysis of the items attested that all the lexemes are, to a greater or lesser extent, associated with the field of religiosity or occultism, and revealed processes of resemanticization and semantic extension, especially in terms such as *despacho*, *batuque*, and *macumba*. Finally, the qualitative analysis of interview excerpts pointed to feelings of fear, distrust, and stigmatization toward Afro-Brazilian religious practices, revealing the persistence of linguistic and social prejudice in the collective imagination.

Keywords:

Dialectology; Religious lexicon; African influence; Linguistic Atlas of Brazil.

Introdução

O léxico do português brasileiro (PB) guarda traços profundos da herança africana, particularmente nos domínios da religiosidade popular e das práticas simbólicas. No sul do país, essa presença é marcante, sobretudo no Rio Grande do Sul, onde religiões como o Batuque, a Umbanda e o Candomblé integram de forma expressiva o tecido sociocultural e linguístico da população.

O Rio Grande do Sul destaca-se como o Estado brasileiro com a maior proporção de adeptos de religiões de matriz africana, superando inclusive Estados tradicionalmente associados a essas tradições, como a Bahia e o Rio de Janeiro. De acordo com Oro (2012), com base em dados do IBGE (2010¹), 1,47% da população gaúcha declarou-se pertencente a essas religiões, totalizando aproximadamente 157.599 indivíduos. Já, na capital gaúcha, Porto Alegre, esse percentual alcançou 3,35% da população. Quanto aos espaços destinados aos cultos, estima-se a existência de cerca de 30.000 terreiros espalhados pelo Estado, com concentração significativa na Região Metropolitana de Porto Alegre, onde, no censo municipal

¹ Até o momento da elaboração deste estudo (abril de 2025), os dados referentes à filiação religiosa do Censo Demográfico 2022 ainda não tinham sido divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dessa forma, as informações utilizadas nesta pesquisa têm como base o Censo Demográfico de 2010, conforme o estudo de Oro (2012), último levantamento oficialmente disponibilizado sobre o tema.

realizado entre 2006 e 2008, foram identificados 1.290 terreiros, número praticamente equivalente ao registrado em Salvador².

A vitalidade dessas tradições se reflete na linguagem cotidiana, especialmente em vocábulos associados a práticas rituais. Contudo, não escapa aos tensionamentos causados por preconceitos históricos, reforçando a necessidade de uma compreensão crítica sobre os processos sociolinguísticos que moldam as interpretações e os usos desses vocábulos.

Conforme levantamento bibliográfico atualizado – sem pretensão de esgotar todas as fontes disponíveis –, verificamos que, embora existam diversos estudos sobre a influência africana nas variedades do português brasileiro faladas no Nordeste, as pesquisas acerca dessa influência no Sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul, ainda são escassas. Um dos poucos trabalhos dedicados ao tema é o estudo de Dante de Laytano, intitulado *Os africanismos do dialeto gaúcho*, publicado em 1936. No entanto, o acesso a essa obra é limitado, pois não há exemplares disponíveis para venda e tampouco foi possível localizá-la em bibliotecas acessíveis. Considerando esse cenário de limitações, são necessários estudos mais aprofundados que explorem essa dimensão linguística e cultural, sobretudo se levarmos em conta a profunda conexão da região com as religiões de matriz africana.

Nesse cenário, as respostas às oito questões do campo semântico *Religião e Crenças* do Questionário Semântico-Lexical – QSL (Comitê, 2001), do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), compõem o recorte deste estudo e permitem delinear as designações associadas a entidades, práticas e objetos vinculados à religiosidade. Entre elas, destaca-se a questão –149 “*O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*” – por apresentar o repertório lexical mais diversificado e por reunir, de forma mais representativa, traços da herança africana no português falado no Estado do Rio Grande do Sul. Respostas como *macumba*, *saravá*, *batuque* e *Exu*, registradas no *corpus* analisado, revelam a vitalidade de vocábulos de origem africana e a centralidade das tradições religiosas afro-brasileiras na constituição do imaginário linguístico regional.

Importa, desde já, reconhecer uma limitação significativa presente no próprio instrumento de coleta utilizado pelo Projeto ALiB³. A formulação da pergunta 149

² Para maiores detalhes consultar: SILVA, Helen Cristina da. *Africanismos na fala gaúcha: o léxico religioso no português do Rio Grande do Sul a partir de dados do ALiB*. In: TORRES, Fábio Fernandes; SILVA, Izabel Larissa Lucena (org.). *África Lusófona: diversidade e políticas linguísticas*, Campinas: Pontes, 2025, p. 203–238. Disponível em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/linguistica/africa-lusofona-diversidade-e-politicas-linguisticas/. Acesso em 10/01/2026.

³ O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é um programa nacional de pesquisa em Dialectologia, coordenado por um comitê nacional e executado por diversas instituições brasileiras. Seu objetivo é documentar e analisar a diversidade linguística do português falado no Brasil, com base em entrevistas aplicadas em uma rede de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional. O ALiB utiliza questionários padronizados para coleta de dados semântico-lexicais, fonético-fonológicos, morfossintáticos e pragmáticos, visando à construção de um atlas linguístico abrangente e atualizado da realidade linguística brasileira. Até o momento, já foram publicados dois volumes do atlas propriamente dito, além do volume dedicado ao Questionário Semântico-Lexical (QSL), que embasa a coleta de dados. A autora participa como pesquisadora do ALiB, desde 2009. Para mais informações, consultar: <https://alib.ufba.br/>

do QSL traz, ainda que de forma não intencional, a reprodução de estereótipos historicamente associados às religiões de matriz africana. Como pesquisadora vinculada ao projeto desde 2009, considero fundamental problematizar esse aspecto, não apenas como gesto ético, mas como parte de uma postura epistemologicamente comprometida com a revisão crítica dos pressupostos que sustentam a pesquisa linguística. Elaborado e publicado há cerca de 25 anos, o Questionário reflete um contexto em que o debate público sobre o racismo étnico-religioso ainda não detinha a centralidade que viria a adquirir posteriormente. No entanto, tal fato não exime a responsabilidade científica de reconhecer que o racismo, inclusive em sua dimensão linguística, já era, à época, objeto de denúncias e lutas históricas. Assim, é preciso afirmar que, à luz dos avanços contemporâneos nas discussões sobre diversidade, respeito às manifestações culturais afro-brasileiras e ética na pesquisa, a permanência de formulações como essa é insustentável.

2. A influência das línguas africanas no português brasileiro

O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose. (Mendonça, 2012, p. 80)

Desde o período colonial, o português falado no Brasil vem sendo moldado por múltiplas matrizes culturais, entre as quais a africana ocupa posição central. A intensa convivência entre os colonizadores portugueses, os povos indígenas e os africanos trazidos forçadamente para o continente, em especial os de origens bantas e iorubás, instaurou processos de contato linguístico que deixaram marcas profundas no PB. Sobre o assunto, Petter (2007, p. 85) lembra que

as línguas africanas, marcadas pela ruptura de sua continuidade no espaço original, encontraram-se, no Brasil, distantes do convívio com suas variantes dialetais, dentro de um quadro heterogêneo em que os novos contatos linguísticos com o português, as línguas indígenas e outras línguas africanas ocorreram de forma diferenciada, nas diferentes épocas e nos diferentes ambientes (rural e urbano).

De acordo, ainda, com Petter (2011), estudiosos consagrados da área, como Renato Mendonça (1933) e Jacques Raimundo (1933), concluem que a maior parte das características português do Brasil se deve à influência das línguas africanas, com destaque para o quimbundo e o iorubá. Segundo Castro (2001), o PB in-

corpora cerca de 3.517 termos de origem africana, com predominância nas áreas da religiosidade, da culinária, da música, da dança, entre outras práticas culturais. Trata-se, na verdade, de um léxico especializado, muitas vezes restrito a contextos regionais e socioculturais específicos. No entanto, para Alkmim e Petter (2008), fora do contexto especializado, o uso de vocábulos de origem africana no PB é bem menos extenso.

Embora, por diferentes razões, a contribuição das línguas africanas tenha sido historicamente subestimada, é inegável que suas marcas se inscrevem de forma profunda e permanente na formação do PB. Aragão (2011), ao reunir dados provenientes de pesquisas desenvolvidas desde o trabalho pioneiro de Renato Mendonça e de seus continuadores, e valendo-se de materiais como o *Atlas Linguístico da Paraíba*, o *Conto Popular na Paraíba, A Linguagem Regional/Popular na Obra de José Lins do Rego* e *Aspectos Sociolinguístico-Culturais na Obra de José Américo de Almeida*, além de outras investigações sobre os falares populares da Paraíba e do Ceará realizadas pela própria autora, identifica, entre as influências africanas, diversos traços fonético-fonológicos incorporados ao português brasileiro, dentre eles: a iotização do /lh/ > / λ / (colher [kuj 'ε], malha ['maja], a semivocalização do /l/ > /w/ (alta ['awta]; maldade [maw'dadi]); a abertura das vogais pretônicas (melodia [melô'dia]; remelada [hem'lada]); a nasalização das vogais orais que antecedem consoantes nasais (canal [kâ'naw]; gamela [gâ'mela]); a assimilação (registro [he 'ziS tu]; a monotongação (caixa ['kaSa]; deixar ['deSah]); a ditongação (três ['tRejs]; mês ['mejs]); a palatalização do /t/ e /d/, antes de / i/ ("dia" ['dZia]); a apócope do /l/, do /r/, e do /s/ finais (sal ['sa]; casar [ka'za]; costas ['kɔSta]); a aférese (está ['ta]; estava ['tava]); a síncope do /d/ no grupo /nd/ (passando [pa'sânu]; comendo [ku'mênu]); a metátese do /r/ pós-vocálico ("Pruquê você num vai armoçar?" (UNC); "O vrido da janela se quebrou").

Dentre os aspectos morfossintáticos, a autora destaca a supressão da marca redundante de plural, como em [...] *as fia ia pra lá morar [...]*, *Ai os velho disse [...]*; a prótese do /s/e /m/ na junção de palavras na frase, agregando-se à palavra seguinte ([...] *em cima da besta e foi simbora. / Vou mimbora [...]*); a repetição enfática da negativa (*Não sou camarada raposa não. / Isso não vale de nada não, mas eu vou ver.*) e o uso do *ele* acusativo (*Vi ele; Deixei ele*).

No campo lexical, Aguilera e Puzinato (2006) reúnem, em seu estudo, dados provenientes de obras clássicas da lexicografia e da história linguística brasileiras, como *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral; *História da língua portuguesa* (1988), de Serafim da Silva Neto; *O linguajar carioca* (1922), de Antenor Nascentes; *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim; e *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001), de Yeda Pessoa de Castro. Além dessas referências, as autoras mobilizam também informações extraídas de cartas linguísticas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1964) e do *Atlas Linguístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987). A partir desse conjunto de fontes, apresentam uma extensa

lista de vocábulos oriundos de línguas africanas que foram incorporados ao léxico do português brasileiro.

Embora alguns dos estudiosos analisados tenham tratado de maneira genérica a influência das línguas africanas, sem a identificação precisa de suas matrizes étnico-linguísticas, o levantamento de Aguilera e Puzinato (2006) revela a profundidade desse legado, especialmente no Nordeste brasileiro, onde a vitalidade dos africanismos se manifesta de forma mais consistente. O repertório lexical abrange campos variados, como a alimentação, com termos como *angu*, *dendê*, *fubá* e *mungunzá*; a música e a dança, representadas por *batuque*, *berimbau*, *marimba* e *samba*; a religiosidade, marcada por vocábulos como *candomblé*, *macumba*, *xangô* e *ogum*; e a sociabilidade cotidiana, na qual se inserem formas como *cafuné*, *banzé*, *fuzuê* e *mulambo*. A análise das cartas linguísticas dos atlas baiano e sergipano reforça essa presença, comprovando a produtividade de variantes lexicais de base africana associadas, por exemplo, ao conceito de *feiticeiro*, para o qual se registram formas como *candomblezeiro*, *cobé*, *macumbeiro*, *mandingueiro*, *mandraqueiro*, *xangourista* e *xangozeiro*.

As autoras verificam ainda que, enquanto dicionários como os de Ferreira (1986) e Houaiss (2004) registram esses vocábulos de modo mais genérico, a obra de Castro (2001) traz a precisão na identificação das línguas de origem, como o kikongo, o quimbundo e o umbundo, o que contribui para a compreensão da profunda interpenetração dos falares africanos na constituição do português brasileiro.

O breve resgate apresentado demonstra que a análise da contribuição das línguas africanas revela um quadro de interações linguísticas complexas e profundas, manifestas tanto nos níveis fonético-fonológicos e morfossintáticos quanto na constituição de um léxico especializado associado a diversas práticas culturais. O fato é que a interculturalização em campos como a alimentação, a religião, a música, a dança e a organização social confirma que a influência negra se enraizou em domínios essenciais da experiência cultural brasileira. Entre esses domínios, destaca-se o campo da religiosidade, no qual há uma representativa preservação de termos e expressões de origem étnico-linguística, força motriz na estruturação de sistemas simbólicos inteiros, cujas marcas permanecem vivas na linguagem e nas práticas rituais do Brasil contemporâneo.

3. O léxico religioso de matriz africana no Português Brasileiro

O léxico representa a dimensão da língua em que mais intensamente se projetam os traços culturais, sociais e históricos de uma comunidade. É pelas palavras que o indivíduo apreende e organiza o mundo que o cerca, nomeando objetos, experiências e conceitos, e, assim, atribuindo-lhes significado dentro de sua realidade sociocultural. Como aponta Biderman (2001), o léxico forma um patrimônio

simbólico que se transforma ao longo do tempo, funcionando como testemunho dinâmico das experiências acumuladas por uma comunidade. Por ser aberto e renovável, o léxico registra de maneira intensa as mudanças e permanências que caracterizam a história dos grupos sociais. Vilela (1994) observa que, ao arquivar saberes, encontros culturais e descobertas, o vocabulário linguístico torna-se uma janela privilegiada para a visão de mundo de um povo, refletindo valores, crenças e práticas que se atualizam no tempo.

Na medida em que nomeia o mundo, o falante revela categorias cognitivas e referenciais simbólicas construídas ao longo da convivência sociocultural. Conforme destaca Isquierdo (1997, p. 575), “partindo-se do princípio de que o léxico funciona como testemunha da realidade que circunda um grupo sócio-linguístico-cultural, pode-se encontrar nesse nível da língua elementos reveladores de diferentes nuances da forma como tal grupo concebe essa realidade”.

Particularmente no âmbito religioso, o léxico afro-brasileiro expressa de modo exemplar a continuidade e a reinvenção de sistemas simbólicos ancestrais. Esse vocabulário preserva referências a tradições rituais, ressignifica práticas e adapta cosmologias africanas às novas condições socioculturais impostas pela diáspora. Nesse contexto, as palavras de origem africana vinculadas ao campo religioso configuram-se em importantes instrumentos de resistência e preservação cultural, ocupando posição central na constituição das identidades afro-brasileiras. No domínio religioso, termos como *macumba*, *saravá*, *batuque* e *Exu* transcendem sua função lexical, assumindo o estatuto de monumentos linguísticos que condensam cosmologias, saberes ancestrais e estratégias de sobrevivência frente à colonialidade. Segundo Castro (1983, p. 85) a linguagem que contempla esse universo afro-brasileiro é composta por “palavras que descrevem a organização sócio-religiosa do grupo, objetos ritualísticos e sagrados, cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos mágicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento”.

Essa resistência linguística está diretamente associada à trajetória histórica dos africanos trazidos ao Brasil, portadores de sistemas religiosos essencialmente totêmicos, que, diante das novas condições socioculturais, passaram a coexistir e a interagir com o catolicismo, o espiritismo e as tradições indígenas. O contato e a necessidade de adaptação originaram uma pluralidade de expressões religiosas, entre as quais se destacam o Candomblé, a Macumba, a Umbanda, a Jurema, o Tambor de Mina, o Tambor Crioulo, o Tambor de Nagô, o Xangô e o Babaculé. Embora essas denominações revelem a diversidade das práticas religiosas afro-brasileiras, o termo Candomblé consolidou-se como o mais amplamente utilizado para designar, de forma geral, esses cultos de matriz africana.

O Candomblé organiza-se em diferentes nações religiosas –Angola, Moçambique, Nagô, Keto, Jeje e Ijexá –, cujos nomes evocam os territórios africanos de

origem. Cada nação desenvolveu práticas rituais próprias, diferenciando-se em seus sistemas de crença, na liturgia e na hierarquização de suas divindades.

Nesse cenário, o sincretismo religioso desponta como uma estratégia de sobrevivência cultural frente à repressão colonial. Para proteger suas práticas, os adeptos associaram suas divindades africanas a figuras do catolicismo, criando correspondências simbólicas que garantiram a continuidade dos cultos. Essa adaptação, longe de descaracterizar os cultos originais, reafirmou resiliência e a capacidade de reinvenção. As marcas dessas tradições transcendem o universo litúrgico, manifestando-se também em expressões culturais brasileiras como o *samba* e o *ijexá*, no uso de instrumentos como o *atabaque*, o *agogô*, a *cuíca* e o *berimbau*, e na culinária representada por pratos como o *acarajé* e o *abará*. Como enfatiza Castro (2011, p. 275)

os elementos constitutivos das religiões afro-brasileiras – crenças, modos de adoração e língua – estão de tal maneira estruturalmente associados que um dos critérios marcantes de identificação etnorreligiosa entre as denominadas nações-de-candomblé [...] tem como principal componente as diferenças de procedência de um repertório linguístico de matriz africana.

De acordo com a autora, o aprendizado das práticas rituais nos candomblés está fundamentalmente vinculado a um processo iniciático de participação ativa. Durante o período de reclusão nos terreiros ou roças, o iniciado é submetido a uma sequência de ritos articulados a um repertório linguístico específico, próprio das cerimônias realizadas nos espaços sagrados. Tal repertório, conhecido genericamente, na Bahia, como língua-de-santo, constitui um vocabulário de uso ritual e mágico, com aparência formal portuguesa, mas que se fundamenta em sistemas lexicais oriundos de diferentes línguas africanas, outrora faladas no Brasil durante o período escravagista. Trata-se, portanto, de uma linguagem ritualizada, impregnada de significado mítico, que é percebida como pertencente à tradição do vodum, do orixá ou do inquice, e não diretamente vinculada a uma nacionalidade africana específica da atualidade.

Em síntese, partindo da concepção do léxico enquanto testemunho da realidade sociocultural – conforme destacado por Biderman (2001), Vilela (1994) e Isquierdo (1997) –, é possível entender que a presença de termos de origem africana no PB transcende a simples contribuição lexical, constituindo-se como marca profunda de memória, resistência e reinvenção cultural. Considerando essa trajetória, passamos à análise empírica dos dados coletados pelo ALiB no estado do Rio Grande do Sul, a fim de verificar como os falantes nomeiam as práticas/crenças do campo religioso, com foco nas designações de matriz africana.

4. Corpus analisado: campo semântico-lexical de *Religião e Crenças* – ALiB (Rio Grande do Sul)⁴

O *corpus* analisado é composto por 666 registros lexicais provenientes das oito questões do campo semântico-lexical *Religião e Crenças* do Questionário Semântico-Lexical – QSL (Comitê, 2001) do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). Os dados, ainda inéditos, resultam das entrevistas de 72 informantes gaúchos, sendo oito provenientes da capital, Porto Alegre, e os demais oriundos de 16 cidades do interior do estado⁵. Em cada localidade interiorana foram selecionados quatro informantes, estratificados segundo a metodologia padrão adotada pelo ALiB, que considera a adoção das variáveis sexo (homem/mulher), faixa etária (Faixa I: 18–30 anos; Faixa II: 50–65 anos) e escolaridade (ensino fundamental completo ou incompleto). Na capital, em razão da inclusão da variável escolaridade de nível superior, o número de entrevistados é ampliado para oito participantes.

As questões em estudo são as seguintes: 147 [*Diabo*] *Deus está no céu e no inferno está _____*; 148 [*Fantasma*] *O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?*; 149 [*Feitiço*] *O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*; 150 [*Amuleto*] *... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?*; 151 [*Benedeira*]... *uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?*; 152 [*Curandeiro*] *... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*; 153 [*Medalha*] *... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*; 154 [*Presépio*] *No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?*

Para fins de organização, deixamos a discussão e a análise da questão 149 para o final, dada a necessidade que os itens lexicais obtidos por meio dela demandaram.

5. Análise dos dados: panorama lexical do campo *Religião e Crenças*, na fala gaúcha

Para a questão 147, *Deus está no céu e no inferno está _____*, foram obtidas 94 respostas, das quais *diabo* (69%) foi a variante mais produtiva, seguida de *capeta* (11%), *demônio* (9%) e *satanás* (5%). Outras formas residuais também foram registradas: *coisa ruim* (3%), *lúcifer*, *pecadores* e *saci* (1% cada).

⁴ Em estudo anterior, os dados da questão 149 foram analisados de forma individualizada, à luz dos aportes teóricos de Castro (2011). No presente artigo, esses dados passam a integrar a análise conjunta do campo semântico das Crenças e Religiões.

⁵ As cidades são: Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí.

Das 88 variantes oferecidas pelos informantes para nomear aquilo *que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo* (Q.148), 47% das respostas correspondem à variante *assombração* e 35% a *fantasma* (35%). As formas *alma* (7%), *espírito* (6%) e *vulto* (2%) apresentam produtividade menor, enquanto *visagem*, *mortos*, *diabo* e *lobisomem* surgem computam apenas 1% cada.

Em relação ao objeto usado para *dar sorte ou afastar males* (Q.150), com 80 respostas ao todo, identificamos uma variação linguística mais intensa, com *amuleto* concentrando 25% das respostas, seguido de *figa* (15%) e de um grupo intermediário composto por *trevo* (10%), *corrente* (8%), *pé/rabo de coelho* (8%) e *talismã* (8%). As demais denominações apresentam baixa produtividade e variam entre 1% e 4%, reunindo *cruz* (4%), *arruda* (3%), *medalha* (3%), *pingente* (3%) e *guia* (3%), além de formas isoladas, cada uma com 1%: *breve*, *fitinha*, *simpatia*, *pimentinha*, *mandinga*, *feiticeira*, *adesivo*, *benzedeira*, *escapulário*, *terço*, *santinho*, *broche*, *segurança* e *moeda*. Esse conjunto revela um domínio complexo, marcado pela coexistência de elementos católicos, afro-brasileiros, práticas populares de proteção e escolhas idiossincráticas.

Na questão referente à *mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta* (Q.151), dos 74 registros, *benzedeira* reúne 84% das ocorrências, configurando alta concentração de uso, *curandeiro(a)* aparece em 9%, enquanto *sortista*, *mãe de santo*, *fazedera de chá*, *batuqueira* e *rezadeira* surgem com 1% cada.

A pergunta sobre a *pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas* (Q.152), também com 74 respostas, obteve 72% de uso para *curandeiro(a)* e 23% para *benzedor(a)* (23%). As demais formas atingiram apenas 2% cada, são elas: *feiticeiro*, *homeopata*, *chazeiro*, *juajero*, *sábia*, *mãe de santo*, *rezadeira* e *ervateiro* registram 2%. Esses itens, embora pouco frequentes, revelam a presença de matrizes culturais distintas: tradições indígenas (*ervateiro*), afro-brasileiras (*mãe de santo*), práticas religiosas locais (*rezadeira*) e denominações ligadas ao uso de ervas (*chazeiro*, *juajero*). A distribuição sugere que, apesar da hegemonia de *curandeiro(a)*, o campo lexical se organiza por meio de camadas culturais diversas, que se sobrepõem.

Obtivemos 73 registros para denominar a *chapinha de metal com um desenho de santo* (Q.153), dos quais três foram mais recorrentes: *medalha* (33%), *crucifixo* (22%) e *escapulário*. Em seguida, *pingente* e *corrente* aparecem com 8% cada, enquanto *amuleto* (5%) e *santinho* (4%) ocupam posições intermediárias. As demais denominações foram registradas com 1% das respostas, a saber: *enfeite*, *acessório*, *cordão*, *adesivo*, *breve*, *imagem* e *figuinha*. A maior parte dessas formas, por serem mais genéricas, podem indicar o desconhecimento do objeto pelo informante.

Por fim, para nomear o *grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus* (Q.154), a variante *presépio* foi praticamente categórica (95%), dentre as 84 ocorrências. As demais – *capela*, *pinheirinho*, *grupo de Jesus* e *natal* – aparecem com 1% cada.

No que diz respeito à presença de africanismos no léxico religioso obtido por meio desse grupo de questões, registramos um número reduzido de formas, com ocorrências pontuais: *mandinga*, na questão 150 (amuleto); *batuqueira*, na questão 151 (benzedeira); e *mãe de santo*, nas questões 151 (benzedeira) e 152 (curandeiro). De modo geral, o *corpus* analisado atesta a predominância de variantes de origem europeia e um vínculo estreito com o catolicismo. Entre os exemplos etimologicamente derivados do latim, destacamos *diabo* (< *diabolus*), forma mais produtiva na questão 147, e *espírito* (< *spiritus*), presente na questão 148. No domínio propriamente católico, temos variantes como *crucifixo*, *escapulário*, *terço* e *santinho*, registradas na questão 153. Esse panorama confirma que, até este ponto da análise, predominam lexias historicamente fixadas pela tradição cristã luso-brasileira, com baixa produtividade de itens relacionados às matrizes afro-brasileiras.

No caso de *mandinga*, registrada na questão 150 (amuleto), é razoável supor que a escolha da forma decorra da associação que o falante estabelece com práticas de proteção ou de afastamento de males, domínio semântico diretamente acionado pela pergunta. A origem do termo registrada em Houaiss (2001)⁶ — “top. Manding; por designar ‘terra de feiticeiros’, estende o seu sentido para ‘feitiço’” — indica que *mandinga* circula no português brasileiro como lexia ligada a feitiço e feitiçaria.

A variante *batuqueira* (para o referente benzedeira), por sua vez, remete a *batuque*, termo cuja dicionarização registra, entre outras acepções, a referência aos cultos afro-brasileiros. Nesse contexto, é possível que o informante tenha recorrido a *batuqueira* para designar uma agente religiosa situada fora das práticas rituais católicas, aproximando a figura da benzedeira de um universo marcado pelo sincretismo e por categorias reconhecidas como pertencentes às tradições afro-brasileiras.

Já a forma *mãe de santo* apresenta uso dicionarizado como designação da liderança ritual nos terreiros afro-brasileiros. **À luz dessa definição e do modo como as questões 151 (benzedeira) e 152 (curandeiro) descrevem atividades de cura, proteção e uso de rezas e ervas**, é possível supor que o informante tenha aproximado tais práticas do campo de atuação atribuído à *mãe de santo*.

Embora, nas sete questões analisadas, a influência africana se manifeste de modo discreto, ao examinarmos a pergunta 149 – dedicada à nomeação de *feitiço* – constatamos uma presença expressiva de africanismos no repertório gaúcho. Esse comportamento contrastivo, em relação às demais perguntas do campo *Religião e Crenças*, sustenta a necessidade de uma análise específica e aprofundada, desenvolvida no subtópico 5.1.

⁶ Na análise da dicionarização, consideramos apenas as acepções que mencionam práticas, agentes ou elementos associados ao universo afro-brasileiro, por serem pertinentes aos objetivos deste estudo. Ou seja, os termos examinados apresentam outras acepções que não foram mobilizadas aqui por não se relacionarem diretamente ao fenômeno analisado.

5.1 A variação lexical para feitiço, na fala do Rio Grande do Sul

O corpus analisado ofereceu 11 variantes lexicais para nomear aquilo *que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas*, são elas⁷: *feitiço (-aria)*, *macumba (-eira; -aria)*; *sarava, despacho, batuque(-cária)*; *trabalho, bruxaria, oferenda, Exu, simpatia, e magia negra*. Ao todo, considerando as primeiras, segundas e terceiras respostas, obtivemos 99 ocorrências, distribuídas conforme apresenta o gráfico 1.

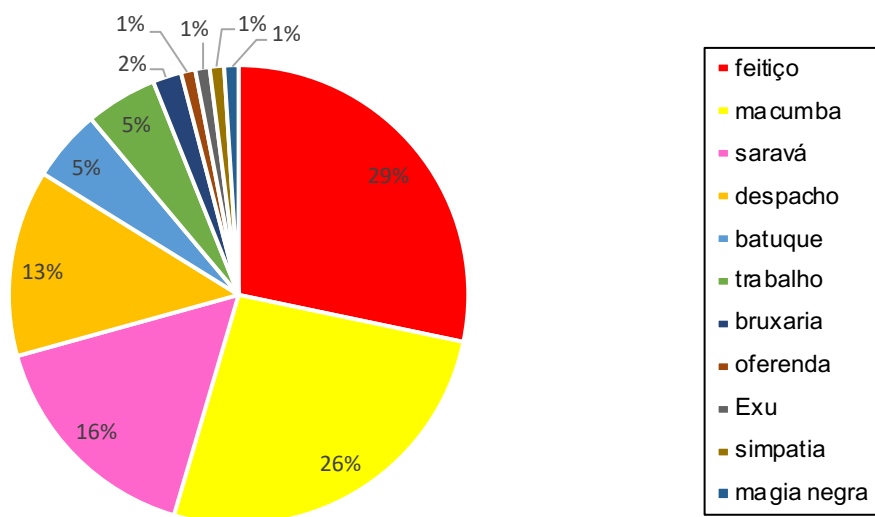


Gráfico 1. Percentuais das variantes obtidas para *feitiço*

Fonte: elaboração própria, com dados do Rio Grande do Sul, coletados pelo ALiB.

O Gráfico 1 mostra que as formas *feitiço*, com 28 ocorrências (29%) e *macumba*, com 26 (26%), respondem juntas por mais da metade das respostas registradas (55%). Tal predominância revela, de um lado, a permanência da forma latina *feitiço*, mais próxima da tradição lexical portuguesa; de outro, o forte enraizamento da variante *macumba*, termo de origem africana amplamente difundido no imaginário social brasileiro, sobretudo associado a práticas religiosas afro-brasileiras.

A terceira variante mais frequente, com 16 ocorrências (16%), é *saravá*⁸, seguida de *despacho* com 13 (13%). Essas formas reafirmam a centralidade da religiosidade de matriz africana na configuração lexical do campo semântico analisado. O termo *saravá* é comumente usado em saudações ritualísticas de origem afro-brasileira, enquanto *despacho* remete diretamente a práticas ritualísticas realizadas em encruzilhadas, consolidando-se como sinônimo popular de *feitiço* no imaginário urbano.

⁷ Optamos por agrupar sob o mesmo lema as variantes *macumba > macumbeira > macumbaria*, *feitiço > feitiçaria* e *batuque > batucaria*, uma vez que as formas derivadas mantêm vínculo semântico direto com o termo base. Em termos quantitativos, registramos apenas 1 ocorrência de *macumbeira* e 1 de *macumbaria*; 4 de *feitiçaria*; e 1 de *batucaria*.

⁸ Essa lexia, conforme Castro (2001, p. 336), trata-se de um formativo brasileiro (derivado do verbo salvar), que, em razão de processos fonológicos decorrentes da situação de contato linguístico, gerou itens como *savalu*, *savará* ou *saravá*.

As variantes *batuque* e *trabalho* aparecem com 5% cada (5 ocorrências), indicando números menos expressivos de vitalidade. Ambas também estão fortemente associadas ao universo das práticas religiosas afro-brasileiras: *batuque* como designação genérica de rituais, especialmente no Rio Grande do Sul, e *trabalho* como termo eufemístico para rituais de intervenção espiritual. Já as formas de menor ocorrência, como *bruxaria* (2%), registrada apenas duas vezes, e as *hápax legomena*⁹ *oferenda*, *Exu*, *simpatia* e *magia negra* (cada uma com 1%), configuram-se como variantes residuais. As duas últimas indicam deslocamentos semânticos ou julgamentos externos associados ao universo das práticas religiosas.

De modo geral, o Gráfico 1 revela uma convivência entre variantes de origem africana e variantes de origem portuguesa, mas atesta, sobretudo, o peso expressivo das formas oriundas da tradição afro-brasileira, confirmando a vitalidade dos elementos culturais e linguísticos de matriz africana no português falado no Rio Grande do Sul.

O plano diatópico revela que o uso de termos de matriz africana distribui-se amplamente por todo o estado do Rio Grande do Sul. No entanto, ainda nesse plano, um ponto, em especial, chamou a nossa atenção: o uso categórico da variante *saravá* como primeira resposta em Bagé. Essa ocorrência, à luz da análise empreendida e da experiência pessoal da autora – que residiu e atualmente trabalha na cidade –, pode ser compreendida a partir da sócio-história do local. Localizada na Campanha Gaúcha, Bagé consolidou-se como um dos centros de maior concentração de população afrodescendente no Estado, resultado da intensa utilização de mão de obra escravizada nas atividades pecuárias e agrícolas durante os períodos colonial e imperial. Conforme Matheus e Farinatti (2021), um censo realizado em 1846, pouco antes da emancipação do município (1847), registrava 4.101 moradores na localidade, dos quais 1.212 eram escravizados (cerca de 29,5%, sendo 25% deles de origem africana). Em 1858, a população havia triplicado, atingindo 12.342 habitantes, dos quais 4.016 (32,5%) eram escravizados, embora sem especificação da origem. Já em 1872, o número de habitantes era de 21.768, dos quais 4.816 (22%) ainda estavam em condição de cativo.

Essa presença expressiva da população negra contribuiu para que se mantivessem vivas diversas manifestações culturais e religiosas, entre elas práticas vinculadas ao batuque e à umbanda. Nesse contexto, é possível conjecturar que o termo *saravá*, utilizado como saudação ritualística nas religiões afro-brasileiras, tenha encontrado terreno fértil para sua difusão e seu enraizamento no repertório linguístico popular de Bagé.

No que diz respeito às variáveis sociais analisadas, os dados não apontam influências substanciais, haja vista o equilíbrio entre as respostas e uma preferência generalizada pelo termo *feitiço* entre todos os informantes, independentemente de sua

⁹ *Hápax legómena* (do grego ἄπαξ λεγόμενον, «dito uma vez») é um termo usado na linguística, especialmente na filologia e na lexicografia, para designar palavras que ocorrem apenas uma única vez em um determinado *corpus*, obra, autor ou idioma.

estratificação. No entanto, há uma leve tendência a um padrão variacional mais diversificado na fala dos homens, responsáveis pelo uso das *hápax legomena Exu, simpatia, magia negra e oferenda*. Esse resultado, embora careça de dados mais robustos, converge com o postulado clássico da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]) de que as mulheres tendem a ser mais conservadoras em seu comportamento linguístico.

5.1.2 A dicionarização das variantes lexicais obtidas para *feitição*, na fala do Rio Grande do Sul

Dando cumprimento aos objetivos propostos neste estudo, as variantes obtidas no *corpus* foram consultadas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001). A análise concentrou-se naquelas acepções que guardam relação direta com o tema deste estudo. No Quadro 1, apresentamos os resultados desse levantamento, no qual cada variante é analisada em termos de etimologia, acepções e relações de sinonímia.

Quadro1. Dicionarização das variantes registradas no *corpus*, conforme Houaiss (2001)

Termo	Origem	Acepções vinculadas à religiosidade/ocultismo	Sinonímia
<i>Feitiço</i>	Latim (facticus, a, um, 'artificial, não natural, imitativo, onomatopaico')	1. Prática própria de feitiçeiro(a); sortilégio, bruxaria, enfeitiçamento. 2. Uso de forças mágicas para fins divinatórios ou maléficos. 3. Efeito hipotético dessas práticas; bruxedo. 4. Fenômeno atribuído a artes diabólicas ou entidades ocultas. 5. Objeto utilizado em rituais de feitiçaria.	Bruxaria, despacho, trabalho, ebó, macumba, magia, mandinga, sortilégio.
<i>Macumba</i>	Africana (quimbundo: ma 'o que assusta' + kumba 'soar assustadoramente'; ou prefixo ma- + mba 'sortilégio')	1. Cultos afro-brasileiros originários do nagô. 2. Ritual desses cultos. 3. Designação leiga dos cultos afro-brasileiros, inclusive associados à magia negra. 4. Oferenda a Exu em encruzilhadas; despacho. 5. Magia negra, feitiçaria. 6. Filha de santo da nação Cabinda.	Remete à sinonímia de feitiço.
<i>Saravá</i>	Africana (quimbundo: salawa ou saravá, a partir de 'salvar' português)	Interjeição ritualística usada nas religiões afro-brasileiras.	Sem sinônimos registrados.

Termo	Origem	Acepções vinculadas à religiosidade/ocultismo	Sinonímia
<i>Despacho</i>	Derivado do Provç. ant. despachar (no sentido definido) derivado de(o) empachar, com troca de pref. em-/des-; ver despach-.	1. Padê. 2. Ação de depositar oferendas (freq. em encruzilhadas) para Exu. 3. Oferenda (ebó). 4. Desfazer efeitos maléficos. 5. Restos depositados após oferendas. 6. Ato de retirar oferendas do peji. 7-8. Verbos relacionados a cerimônias fúnebres.	Feitiço, reprimenda.
<i>Batuque</i>	Controversa: regressão de bater; batucar; ou do ronga batchuk 'tambor, baile'; Nei Lopes propõe tuka 'saltar' (quimbundo)	1. Dança afro-brasileira com percussão. 1.1. Samba batido. 2. Círculo de canto e dança em torno do cimbó. 3. Tambor típico angolano. 4. Nome genérico para cultos afro-brasileiros. 5. Variedade sincrética de babaçuê no PA e MA.	Sem sinônimos registrados.
<i>Trabalho</i>	Latim vulgar, derivado de trabalhar. v. român. *tripaliare, do lat. tripalium no sentido de 'instrumento de tortura', der. do adj. tripālis, e no sentido de 'sustentado por três estacas ou mourões', este de palus, i no sentido de 'poste, mourão, estaca'; ver trabalh-	1. Ação ritual para proteção, crescimento espiritual ou malefício. 2. Sessão de umbanda/quimbanda onde ocorrem essas ações.	Biscate, cargo, feitiço.
<i>Bruxaria</i>	Étimologia pré-romana. Bruxa + -aria; há um étimo seguramente pré-romano e comum para o port. bruxa, esp. bruja, cat. bruixa, ant. aragonês broxa, gascão broucho (fem.), provç. brèisso (em Mistral), estranhamente de doc. tardia assim como a dos der. esp. brujería, port. bruxaria, gal. bruxaría; isso postula a existência oral da pal. por muito tempo, prov. como termo interdito ou tabu	1. Prática de bruxa(o); bruxedo, feitiçaria. 2. Ritual usado na prática. 3. Objeto embruxado. 4. Uso de forças ocultas para finalidades maléficas. 5. Efeito dessas práticas. 6. Fenômeno atribuído ao sobrenatural. 7. Encantamento, magia.	Feitiço

Termo	Origem	Acepções vinculadas à religiosidade/ocultismo	Sinonímia
<i>Oferenda</i>	Latim medieval (offerenda, ōrum, 'coisas que devem ser oferecidas')	1. Presente, dádiva, oferta. 2. Oferta religiosa (oblata, oblação).	Presente.
<i>Exu</i>	Iorubá (exu 'esfera')	1. Orixá mensageiro entre deuses e humanos. 2. Espírito de quimbanda/umbanda, com atividade entre o Bem e o Mal. 3. Espírito maligno ou demônio (sentido informal).	Sem sinônimos registrados.
<i>Simpatia</i>	Latim <i>sympathía</i> , ae ('afinidade, relação, analogia') do grego <i>sumpátheia</i> ('participação no sofrimento')	Prática supersticiosa para proteção contra malefícios ou para curar enfermidades.	Sem ligação a termos religiosos.
<i>Magia (negra)</i>	Grego <i>mageía</i> , transmitido ao latim <i>magia</i> ('culto e invocação de poderes mágicos')	1. Prática mágica para alterar o curso natural dos acontecimentos. 2. Magia negra: prática destinada a causar danos.	Condão, encantamento, encanto, magacia, mágica, ocultismo, poder, sortilégio.

Fonte: elaboração própria.

O breve levantamento realizado demonstra que todas as variantes obtidas se encontram, em geral, dicionarizadas no campo semântico da religiosidade e do ocultismo. Além disso, confirma a diversidade de origens que compõem o léxico relacionado às práticas mágicas e religiosas no PB. Variantes como *feitiço*, *oferenda*, *simpatia* e *magia* têm raízes no latim vulgar, no latim medieval ou no grego clássico, refletindo a herança europeia que estrutura a base da língua portuguesa. Em contrapartida, termos como *macumba*, *saravá* e *Exu* provêm diretamente de línguas africanas – quimbundo, quicongo e iorubá –, comprovando a marca profunda das culturas africanas na constituição do léxico religioso nacional.

Verificamos, ainda, que várias das palavras analisadas passaram por processos de extensão semântica, como é o caso de *macumba*, *despacho*, *batuque*, *trabalho* e *magia*, indicando a incorporação de práticas específicas da religiosidade popular ao repertório linguístico mais amplo. Essas extensões de sentido revelam o dinamismo cultural que caracteriza a evolução lexical do português no Brasil, bem como a resignificação das práticas religiosas afro-brasileiras no imaginário coletivo, frequentemente associadas a valores ambivalentes, ora como formas legítimas de proteção e espiritualidade, ora como alvos de estigmatização e marginalização social. Por

fim, a análise das definições dicionarizadas também apontou traços do preconceito histórico, perceptível em algumas formulações que associam determinadas práticas afro-brasileiras de forma direta a *malefícios*, *magia negra* ou *superstições*, reproduzindo visões estigmatizadas.

Concluída esta etapa, passamos à análise qualitativa de trechos selecionados das entrevistas.

5.1.3 Representações sociais e julgamentos linguísticos nas respostas dos falantes

A análise proposta neste ponto do estudo concentra-se em trechos selecionados das entrevistas, nos quais é possível observar traços discursivos que ultrapassam a simples nomeação do item *feitiço*, revelando percepções, crenças e, por vezes, preconceitos enraizados no tecido sociocultural gaúcho. Tal abordagem justifica-se pelo reconhecimento de que a língua, para além de refletir práticas sociais, atua como instrumento de sua reprodução ou contestação, razão pela qual a Sociolinguística, especialmente em sua vertente que trata das Crenças e das Atitudes linguísticas (LABOV 2008 [1972]; MORENO FERNANDÉZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1998), oferece o arcabouço teórico adequado para o exame desses fenômenos. Esses elementos podem se manifestar explicitamente (em respostas diretas) ou implicitamente (em entrelinhas, emoções e julgamentos espontâneos), sendo fundamentais para compreender o modo como representações sociais e preconceitos são construídos, reforçados, perpetuados ou combatidos no interior das comunidades linguísticas.

Considerando que a pergunta utilizada no questionário é formulada de maneira direta e objetiva, reconhecemos que os dados disponíveis para a análise qualitativa são limitados. Ainda assim, entendemos que os fragmentos selecionados revelam aspectos significativos e podem servir de base ilustrativa, além de funcionar como estímulo para investigações futuras mais aprofundadas.

A seguir, apresentamos os trechos selecionados, antecedidos pelas informações necessárias para sua contextualização, e seguidos da análise interpretativa. Para fins de leitura, leia-se: INF (informante) e INQ (inquiridor).

1. Informante homem jovem, de Erechim.

INF- Trabalhos.

INQ – Trabalhos? Como é que é o trabalho?

INF – Saravá?

INQ – Saravá? É a mesma coisa?

INF – É a mesma coisa.

INQ – O que que tem o saravá?

INF – Ah, acho que faz um pedido, botam roupa da pessoa, galinha...

INQ – *Haham.*
 INF – *Oferenda pra...*
 INQ – *Haham...*
 INF – *Pra espíritos maus.*
 INQ – *Tá, só maus ou, será que ...*
 INF – *Tem pro bem mas acredito que não funciona pro bem.*
 INF2 – *Esses que fazem encruzilhada é só pro mau.*
 INQ – *É mais pro mau?*
 INF2 – *É mais pro mau.*
 INQ – *Eu via sempre um caminho da Universidade também, achei que era alguém querendo entrar na Universidade daí... (Risos)*

Esse trecho revela a associação espontânea entre práticas de matriz africana (saravá, trabalhos) à ideia de atividade maléfica (*pra espíritos maus*). Demonstra, ainda, uma atitude de desconfiança, ou mesmo de condenação velada, reforçada pela generalização: *esses que fazem encruzilhada*. Já, a fala final do inquiridor (*achei que era alguém querendo entrar na Universidade daí*), em tom irônico, confirma o distanciamento simbólico em relação à prática nomeada, ainda que sob a forma de humor.

2. Informante mulher jovem, de Ijuí:

INF.- *Saravá.*
 INQ.- *Tem mais algum nome além de saravá?*
 INQ.- *Saravá, feitiçaria, mais é saravá, né, magia negra assim, mas vejo mais falar em saravá, né, magia negra é mais forte, né, acho que é mais difícil.*
 INQ.- *Mais perigoso.*
 INF.- *É mais perigoso.*

O excerto apresenta um processo de valoração das palavras que revela a presença de estigmas historicamente atribuídos às práticas religiosas afro-brasileiras. A informante inicialmente associa *saravá* à prática de feitiçaria, mencionando ainda *magia negra* como uma forma *mais forte* e *mais difícil*. Ainda que empregue *saravá* com maior familiaridade, o termo permanece inserido em um campo semântico de negatividade, vinculando-o implicitamente a algo oculto, místico e potencialmente ameaçador. É fundamental destacar que essa construção do sentido se intensifica a partir da intervenção da própria inquiridora, que introduz diretamente a categoria de *perigo*, imediatamente confirmado pela informante. Tal movimento confirma a existência de um imaginário compartilhado, em que a linguagem relativa às religiões afro-brasileiras é acionada em chave pejorativa.

3. Informante mulher jovem, de Flores da Cunha:

INF- Um saravá.

INQ – Haham, tem aqui?

INF – Hum, tem dessas que ainda acredita nessas coisa? (Risos)

Agora bobo de quem acredita, né?

Essa resposta indica uma atitude linguística explicitamente depreciativa, pois a prática religiosa é tratada como uma superstição (*essas coisas*), e quem nela acredita é qualificado como *bobo*. O riso parecer reforçar o desprestígio atribuído pela informante a essas práticas, marcando um posicionamento de superioridade em relação à crença religiosa mencionada.

4. Informante homem idoso, de São José do Norte:

INF- Feitiço né. Bota ali, mas aí fica sempre patinando, nunca vai pra frente.

Nessa fala, o informante associa o *feitiço* a um efeito negativo concreto na vida cotidiana, marcado pelo verbo *patinar* no gerúndio que, na fala popular, significar *andar sem sair do lugar*, ou seja, não avançar, não progredir.

Não há julgamento moral explícito, mas, sim, a crença na eficácia prática e nociva do *feitiço*. Interessante notar que feitiço não é tratado aqui como folclore ou mera superstição, mas como uma força ativa e perigosa, capaz de interferir nos rumos da vida dos indivíduos.

Em suma, a análise geral dos trechos selecionados revela que as escolhas lexicais dos informantes – *mau, perigoso, bobo, patinando* – remetem a sentimentos de medo, desconfiança, incredulidade e desdém em relação às práticas religiosas de matriz africana. Esses traços discursivos, mesmo quando manifestados de forma humorística ou aparentemente banalizada, sinalizam a persistência de preconceitos linguísticos e sociais profundamente enraizados em nossa sociedade. Nesse sentido, verificamos que o preconceito linguístico, assim, como uma das faces do preconceito racial e religioso, relega as marcas africanas a um lugar de subalternidade simbólica (Petter, 1999).

Nossos resultados vão ao encontro daqueles registrados por Nascimento e Vieira (2020), que investigaram as crenças linguísticas de falantes em relação a termos de matriz africana, quais sejam: *caçula, capanga, cochilar, dengosa, moleque, cachaça, quitanda, quitute e xingar*. Aplicando questionários de percepção a 12 informantes da cidade de Itapuranga-GO, os autores constataram a recorrência de preconceito nas respostas dos entrevistados, sendo a palavra *cachaça* a única que não recebeu julgamentos pejorativos. Segundo os pesquisadores, “a indexicalidade de itens de origem africana no Português Brasileiro expressa, quase categoricamente, uma realidade pejorativa ou inferior, assim como costuma aconte-

cer com os demais aspectos dessa cultura” (NASCIMENTO; VIEIRA, 2020, p. 99). Além disso, a pesquisa referida confirma que a avaliação negativa de termos oriundos das línguas africanas não se restringe a casos pontuais, mas constitui um fenômeno de abrangência nacional, associado à perpetuação histórica de estigmas raciais, culturais e religiosos.

A associação das práticas afro-brasileiras a forças negativas, à irracionalidade ou ao atraso cultural, ainda que muitas vezes velada, confirma que o preconceito linguístico funciona como um mecanismo de estigmatização e exclusão simbólica. Tal panorama é especialmente significativo quando consideramos que o Rio Grande do Sul, apesar de apresentar uma das maiores proporções de adeptos de religiões de matriz africana do país, continua reproduzindo representações sociais que marginalizam essas tradições.

Considerações finais

Do conjunto de dados oferecido pelo *corpus* analisado, constatamos que apenas na questão 149 – *O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?* – a produtividade de lexis de origem africana foi significativa. Nas demais perguntas do campo, particularmente aquelas referentes a *amuleto* (Q.150), *benzedeira* (Q.151) e *curandeiro* (Q.152), registramos apenas as ocorrências pontuais de *mandinga*, *batuqueira* e *mãe de santo*, respectivamente.

Dito isso, a análise pormenorizada dos resultados obtidos para a questão 149 revelou a coexistência de 11 variantes lexicais de origens diversas, refletindo a complexidade histórica do contato linguístico no português brasileiro. As variantes de matriz africana apresentam ampla distribuição geográfica, cobrindo todo o território estadual, o que dialoga com o lugar que o Rio Grande do Sul ocupa como o Estado brasileiro com a maior proporção de adeptos de religiões dessa origem.

No que tange à dicionarização das variantes registradas, constatamos que todas estão documentadas por Houaiss (2001) e, de modo geral, associadas ao campo da religiosidade e/ou a práticas vinculadas ao universo do ocultismo. Palavras como *feitiço*, *bruxaria*, *magia*, *macumba* e *saravá* são descritas em acepções que comprovam sua inserção em contextos religiosos e rituais, enquanto termos como *trabalho* e *despacho* revelam um processo de ressemantização, adquirindo sentidos específicos no âmbito das religiões afro-brasileiras. Tal constatação reforça que, para além da vitalidade oral, essas práticas e crenças foram suficientemente relevantes para serem incorporadas aos registros lexicográficos formais, o que atesta sua presença histórica na formação cultural e linguística do PB.

Por fim, a análise qualitativa dos trechos de fala dos informantes revelou a persistência de preconceito e desconfiança em relação às práticas religiosas afro-brasileiras. Sentimentos de medo, incredulidade e desdém – perceptíveis em escolhas lexicais como *mau*, *perigoso*, *bobo* e *patinando* – ainda permeiam o imaginário

linguístico no Rio Grande do Sul, mesmo em um estado que concentra a maior adesão a essas tradições no país. Esse cenário ressalta a importância de estudos que articulem a análise lexical à compreensão crítica das crenças e atitudes sociais que moldam o uso da língua.

Em síntese, ao registrar, descrever e interpretar os dados do ALiB sob uma perspectiva dialetológica e sociolinguística críticas, este estudo ratifica a necessidade de uma reflexão contínua sobre o papel das línguas africanas na constituição do PB. De maneira mais ampla, destaca a importância de compreender essas dinâmicas no interior da sociedade como um todo, uma vez que língua e cultura são dimensões indissociáveis. Por último, mas tão importante quanto, a pesquisa contribui para o mapeamento lexical das variedades do português falado no Rio Grande do Sul, auxiliando no preenchimento de lacunas ainda existentes nos estudos linguísticos sobre a temática em pauta, voltados a essa região.

Referências

ALKMIM, Tania Maria; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Palavras de África no Brasil de ontem e hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-179.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. In: **Revista de Letras**, Fortaleza. v. 30, n. 1/4, p. 7–16, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Introdução: as ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001a. p. 13-22.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. In: **Afro-Ásia**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 1983. pp. 81-101.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afrobrasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas linguísticas-culturais diferenciadoras de identidades negro-africanas entre religiões afro-brasileiras. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp 275-288.

COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB (Brasil). **Atlas lingüístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. **Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal**: área metropolitana de Valencia. Anejo n.º XXVIII dela Revista Cuadernos de Filología. Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; Editora Objetiva, 2001. Disponível em: <https://houaiss.online/houaïsson/apps/www2/v8-0/html/index.php>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Manifestações de valores mágico-religiosos num léxico regional. *Estudos Lingüísticos. Anais do Seminário do GEL*. Campinas – SP, 1997. p. 575-580
- LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- Matheus Marcelo Santos; Farinatti, Luís Augusto Ebling. Paisagem agrária ao sul do Império do Brasil: pecuária, pequena agricultura e diversificação produtiva (Bagé, c.1820-1870). In: **Revista de História Regional**. Vol. 26 n.1, 2021. p 347-376.
- MENDONÇA, R. **A influência africana no Português do Brasil**. Brasília: FUNAG, [1933] 2012.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Esitorial Ariel, 1998.
- NASCIMENTO, Paulo César; VIEIRA, Marília Silva. Um estudo de percepção acerca do léxico de línguas africanas no português brasileiro. In: **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 4, n. 2, p. 91-101, 2020.
- ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 2, 2002. p. 345–384.
- ORO, Ari Pedro. O atual campo afro-religioso gaúcho. In: **Civitas**. Porto Alegre: PUCRS, v. 12, n. 3, 2012. p. 556–565.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 255-274.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. A linguagem do cafundó: crioulo ou anticrioulo? In: **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Tradução. Frankfurt am Main: Vervuert, 1999.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. São Paulo: USP, 2006. p. 63-89.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. In: **Civitas**. Porto Alegre: PUCRS, v. 3, n. 1, 2003. p. 15–34.
- PUZZINATO, Ana Paula; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil. **Entretextos**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 1-24, 2006.
- THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: RAENDONCK, D. V. et al. Orgs. **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, 367-409.
- VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.